

Chuva afasta fogo de reservas do Xingu

■ Ibama diz que incêndio só afetou área de pastagens

FABIANO LANA E RENATO FAGUNDES

BRASÍLIA - As chuvas que começaram a cair ontem em várias cidades do Mato Grosso e fortes ventos fizeram a linha de fogo das queimadas no estado se afastar da Reserva Indígena do Xingu. Na manhã de ontem, as chamas chegaram a ficar a quatro quilômetros dos limites da reserva, na região próxima ao município de São José do Xingu (MT). À tarde, segundo relatório da Fundação Nacional do Índio (Funai), o fogo já tinha se afastado quatro quilômetros para leste. No início da noite, segundo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Nacionais Renováveis (Ibama), os focos de queimada já estavam a cerca de 10 quilômetros da reserva. Ainda assim, o prefeito Hélio de Carmo decretou estado de calamidade pública no município.

Ontem, o governo federal determinou o deslocamento para a região de 35 bombeiros de Cuiabá e 80 do Distrito Federal, em aviões militares Búfalo. Há 3.700 índios de 13 diferentes etnias morando em 17 aldeias na reserva do Xingu. "Não há focos dentro das reservas indígenas. A situação é menos dramática do que é anunciada", garantiu o presidente do Ibama, Eduardo Martins. O fogo que ameaçou a reserva do Xingu começou em queimadas para pastagem na Ilha do Bananal (TO), destruiu 65% da reserva. Segundo relatório do chefe da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Tocantins, Edson Beiriz, "o prejuízo causado à fauna e à flora é incalculável. Acreditamos que somente após vários anos e com muita ajuda da natureza tudo irá se recompor novamente". Beiriz disse que os dados sobre as queimadas na área foram levados à Procuradoria da República em Tocantins, com o pedido de que providências urgentes sejam tomadas para retirar os fazendeiros da área da reserva. O fogo, que chegou a ameaçar aldeias da tribo Javaé, foi controlado no fim da semana passada por funcionários do Ibama, da Funai e bombeiros.

As queimadas em pastagens na Ilha do Bananal, de acordo com o Ibama, foram o foco inicial do alastramento do fogo que ameaça o Parque Nacional do Xingu, que seguiu na direção Oeste. Ontem, nova concentração de focos de calor foi detectada no Sul do Pará. No Acre, o descontrolado das queimadas já ameaça o tráfego aéreo. De acordo com a Infraero, o Aeroporto de Rio Branco pode ser fechado por causa da fumaça que começa a encobrir a região. Os riscos aumentam no dia 7 de setembro, quando se realizam muitas queimadas. De acordo com o Ibama, o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO) foi controlado, mas novos focos de incêndio foram detectados no Parque da Chapada Diamantina (BA). Só em agosto, mês mais seco do ano no Brasil, foram identificados 32 mil focos de calor pelo Ibama, a par-



Chuvas e ventos afastaram ontem à noite as chamas que chegaram a quatro quilômetros dos limites da reserva indígena do Parque Nacional do Xingu

Mario Villella/Folha do Estado de Cuiabá/AB

Floresta desprotegida

ANTÔNIO XIMENES Agência JB

ALTO XINGU, MT - "As florestas do Parque Nacional Indígena do Xingu estão totalmente desprotegidas contra o fogo. Nós não sabemos como agir contra as queimadas dos fazendeiros e não temos nenhum instrumento para combater incêndios. Estamos vendo a mata queimar impotentes", disse ontem o diretor-geral da reserva, Ianaculé Trumai.

As matas e o cerrado da fronteira do Baixo Xingu - região dos índios Juruna, Kaiabi, Suyás, entre outras nações - ardem em chamas. A qualquer momento, o fogo que se alastra de São Félix do Xingu pode chegar às árvores seculares da reserva, embora o Ibama afaste esta possibilidade. "O pior é que não dispomos de infraestrutura e de logística para monitorar as áreas atingidas", garantiu Ianaculé.

Para complicar o quadro, o piloto Luiz Armando Marinho, 47 anos, da Fundação Nacional do Índio (Funai), está à beira de colapso nervoso diante das péssimas condições de voo. "Tenho feito de quatro a cinco decolagens e pousos por dia com visibilidade próxima de zero em função da fumaça", disse.

Orientação - O piloto, que está há mais de 15 anos na aviação da Funai, disse que vai ficar no órgão até o fim do ano. "Não saio agora porque o fogo está ameaçando o parque e os índios precisam de orientação aérea, mas o que eu estou fazendo é pessoal, porque as condições de trabalho são as piores possíveis", salientou. O salário do piloto é de R\$ 721,98.

Com a experiência de quem viveu mais de 30 anos na reserva do Xingu, o sertanista Orlando Villas Bôas, 84 anos, que recebe, Dia 7 de Setembro, a medalha dos Direitos Humanos, disse que o combate ao fogo deve ser feito de acordo com as técnicas dos caboclos da região. "Os bombeiros, os soldados do Exército que devem ser deslocados para a reserva e até mesmo os índios têm que abrir clareiras nas proximidades dos focos de incêndio, e, depois de limpas, atear fogo em direção às chamas principais. Parece contraditório, mas era assim que nós fazíamos quando estávamos no parque, e sempre dava certo. O fogo combate o fogo", orientou.

O cacique Aritana, da nação Yawalapiti, ordenou que não se fizessem mais queimadas para aumentar as áreas de plantio de mandioca em sua aldeia. "O clima está muito seco e qualquer faísca pode se transformar em um incêndio de grandes proporções, como o que estamos observando nas fazendas", disse.

Suspeita - Liderança incontestante do Xingu, Aritana afirmou ainda que suspeita que os fazendeiros das áreas limítrofes do Baixo Xingu, especialmente na região de São José do Xingu, estão aproveitando a crise das queimadas para retirar madeira da reserva. "Nós sabemos que isso está acontecendo, mas nos sentimos com as mãos atadas para agir", salientou.

Já o cacique Tacumã, da nação Kamayurá, observou que o incêndio pode chegar ao parque nos próximos dias, com os ventos, e que somente uma ação integrada com os índios pode evitar uma tragédia. "A fumaça já está afetando as nossas crianças e vai chegar a hora em que o fogo vai entrar na floresta dos nossos antepassados", disse, ontem à tarde.

Drama - Segundo Piracumã Yawalapiti, coordenador da Casa de Apoio ao Índio da cidade de Canarana, na fronteira do Alto Xingu, o fogo ainda pode ser controlado e a situação não está totalmente fora de controle. "Estamos acompanhando o drama das nações do Baixo Xingu pelos radioamadores que estão nas aldeias, mas gostaria de alertar que as fazendas aqui da nossa região também estão ateando fogo às pastagens", contou.

Piracumã observou que se o Ibama não adotar medidas de fiscalização e punição aos fazendeiros locais, o fogo no Brasil Central vai ser maior do que o que consumiu parte do Estado de Roraima no ano passado. A reportagem da Agência JB sobrevoou a reserva indígena do Posto Leonardo até Brasília e constatou focos de incêndio e fumaça generalizada nas áreas próximas ao parque. A visibilidade era a pior possível e o voo só foi possível com o auxílio de aparelhos de navegação via satélite.

Focos se espalham pelo país

BRASÍLIA - O incêndio que atingiu o Parque Indígena do Araguaia, na Ilha do Bananal (TO), destruiu 65% da reserva. Segundo relatório do chefe da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Tocantins, Edson Beiriz, "o prejuízo causado à fauna e à flora é incalculável. Acreditamos que somente após vários anos e com muita ajuda da natureza tudo irá se recompor novamente". Beiriz disse que os dados sobre as queimadas na área foram levados à Procuradoria da República em Tocantins, com o pedido de que providências urgentes sejam tomadas para retirar os fazendeiros da área da reserva. O fogo, que chegou a ameaçar aldeias da tribo Javaé, foi controlado no fim da semana passada por funcionários do Ibama, da Funai e bombeiros.

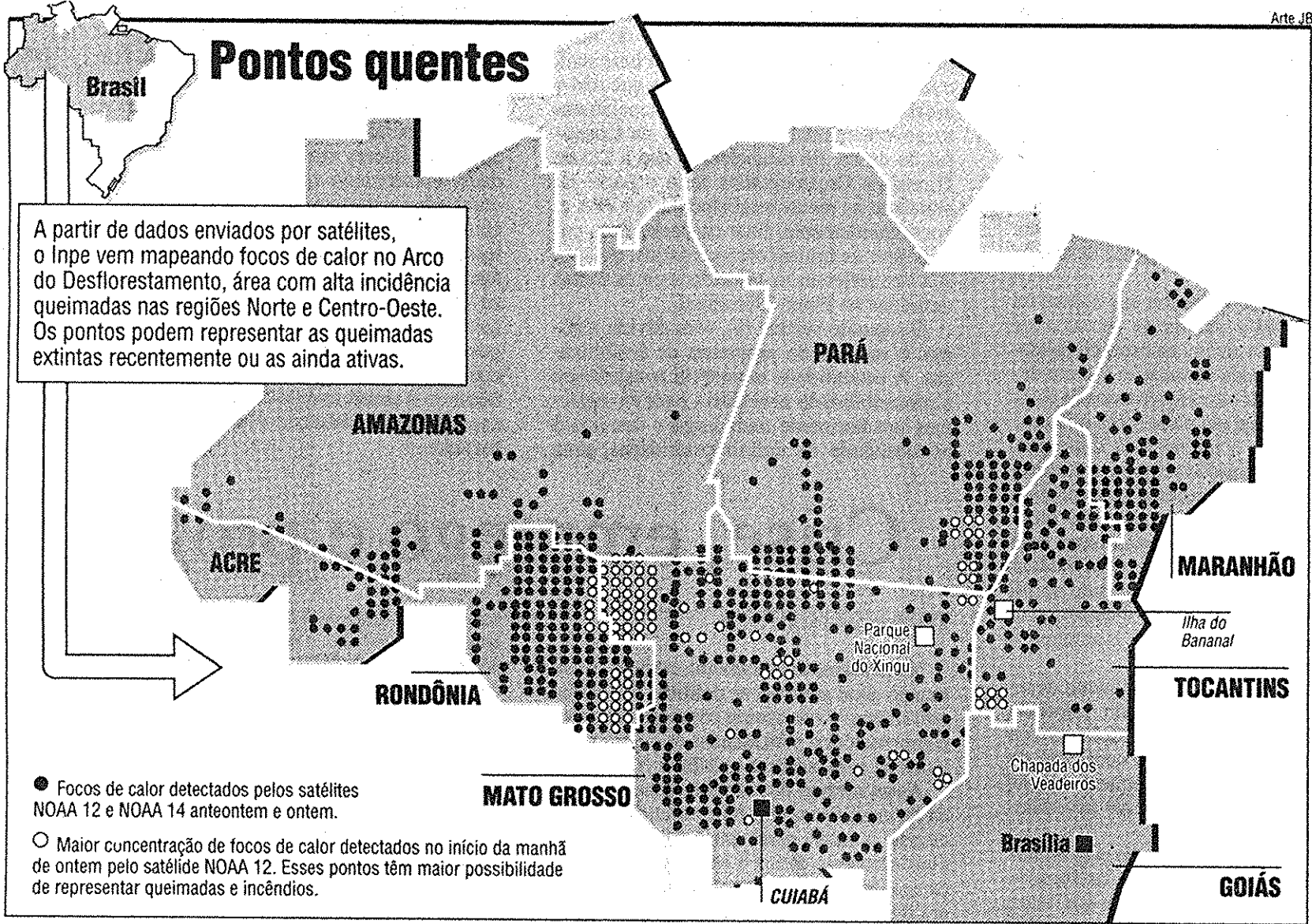
Só em agosto, mês mais seco do ano no Brasil, foram identificados 32 mil focos de calor pelo Ibama, a par-

tir de imagens do satélite meteorológico Noaa. O alerta verde (mais brando) foi decretado para 204 municípios. Atualmente, 24 municípios estão nessa situação. Duas áreas já saíram do alerta amarelo, que significa mais de 100 horas de incêndio em florestas. A região próxima ao parque do Xingu está em alerta vermelho, classificação de maior gravidade.

Ontem, o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, rechaçou as críticas de que o governo está sendo muito lento para debelar os focos de incêndio que estão espalhados por, praticamente, todas as regiões do país. "Esse ano, os focos de incêndio foram dramaticamente aumentados devido ao fenômeno climático El Niño e, apesar de as pessoas desprezarem, a técnica mais eficaz de combate ao fogo são os aba-

fadores. Incêndio tem que ser debelado de forma heróica, no braço", disse. O ministro lembrou que o governo disponibilizou esse ano, de recursos antecipados do empréstimo do Banco Mundial, R\$ 700 mil em equipamentos de combate ao fogo, R\$ 2 milhões em fiscalização e R\$ 3,9 milhões no Programa Nacional do Meio Ambiente. "Só naquela área no Norte do Mato Grosso são 300 fiscais", complementou.

Pastagens e regiões de savana - áreas de transição para floresta amazônica - da região do Xingu já foram atingidas pelas queimadas. O Ibama está monitorando a direção do vento mas já classifica de "remota" a possibilidade de as chamas chegarem ao Parque do Xingu. Não há estimativas da extensão destruída pelo fogo nas proximidades da reserva. (F.L. e R.F.)



Fonte: www.dpi.inpe.br/proarco (Internet)

Embaixador alemão no Quarup

ALTO XINGU, MT - Enquanto o cerrado e as florestas da fronteira do Parque Nacional Indígena do Xingu ardiem em chamas, e madeireiros avançavam na reserva nas proximidades do Rio Batovi, o embaixador alemão no Brasil, Claus Duisberg, visitava semana passada a aldeia Yawalapiti em um Quarup (homagem aos mortos) para o guerreiro Sarirua e outros. Discreto e de poucas palavras, o diplomata evitou falar sobre os motivos que o levaram ao Alto Xingu, na aldeia do cacique Aritana.

Mas por trás da visita do diplomata está a luta dos índios do Xingu pelo apoio internacional às suas causas, como aumento da reserva e proteção

das nascentes dos rios que cortam o parque. "Os fazendeiros estão poluindo nossos rios com os seus agrotóxicos, e os locais sagrados de muitas tribos estão fora do parque. Isso é grave porque a população está crescendo e fica difícil segurar os mais jovens nas aldeias", disse Aritana.

A visita do embaixador não passou despercebida pela Fundação Nacional do Índio. A antropóloga Mari Baiochi disse que cabe à Funai acompanhar e autorizar todas as visitas oficiais ao parque, mas, como não havia sido informada sobre esta, iria se manter à distância da comitiva, mas atenta. "A Alemanha e os outros membros do G-7 estão ajudando o Brasil com recursos financeiros para

as áreas do meio ambiente e indígena, e, por esse motivo, não vamos criar um conflito com a associação dirigida pela Sandra", ressaltou.

Sandra Wellington é uma jovem brasileira, de origem inglesa, que auxilia os Yawalapitis na coordenação da Associação Quarup, ONG da cidade de Canarana. Partiu dela e de Aritana o convite ao embaixador.

Alto, magro e escorregando na gramínea brasileira, o embaixador foi motivo de comentários entre os 900 índios de 10 nações que estavam no Quarup.

Mas o estilo reservado do diplomata foi cedendo às emoções provocadas pelo ritual dos índios, especialmente pelas danças, vigília ao redor do fogo dos guerreiros e a huka-huka

(espécie de luta livre). "É uma civilização que surpreende pela força da tradição e pela união", disse.

Cauteloso, Duisberg afirmou que não faria nenhuma declaração de natureza ambiental. "Tudo o que eu disser aqui pode ter peso oficial e não gostaria que isso acontecesse", ressaltou. Mas um dos membros da comitiva alemã (de quatro pessoas, dentre elas a embaixatriz) disse que os índios poderiam ter em suas aldeias poços artesanais para que a água consumida fosse de melhor qualidade. Aritana disse que seria muito bem-vindo um poço artesiano na sua aldeia. "Não somente na minha, mas em todas as do Xingu, porque a água é fundamental para nós." (A.X.)